

Editorial

O Jornal Abaixo-Assinado assina a presente carta! Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito



Atos em defesa da democracia foram realizados em todo o país no dia 11 de agosto. Na foto, estudantes na rua em Porto Alegre. (Brasil de Fato)

Em agosto de 1977, em meio às comemorações do sesquicentenário de fundação dos Cursos Jurídicos no País, o professor Goffredo da Silva Telles Junior, mestre de todos nós, no território livre do Largo de São Francisco, leu a Carta aos Brasileiros, na qual denunciava a ilegitimidade do então governo militar e o estado de exceção em que vivíamos. Conclamava também o restabelecimento do estado de direito e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

A semente plantada rendeu frutos. O Brasil superou a ditadura militar. A Assembleia Nacional Constituinte resgatou a legitimidade de nossas instituições, restabelecendo o estado democrático de direito com a prevalência do respeito aos direitos fundamentais.

Temos os poderes da República, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, todos independentes, autônomos e com o compromisso de respeitar e zelar pela observância do pacto maior, a Constituição Federal.

Sob o manto da Constituição Federal de 1988, prestes a completar seu 34º aniversário, passamos por eleições livres e periódicas, nas quais o debate político sobre os projetos para o País sempre foi democrático, cabendo a decisão final à soberania popular.

A lição de Goffredo está estampada em nossa Constituição “Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de seus representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”.

Nossas eleições com o processo eletrônico de apuração têm servido de exemplo no mundo. Tivemos várias alternâncias de poder com respeito aos resultados das urnas e transição republicana de governo. As urnas eletrônicas revelaram-se seguras e confiáveis, assim como a Justiça Eleitoral.

Nossa democracia cresceu e amadureceu, mas muito ainda há de ser feito. Vivemos em um País de profundas desigualdades sociais, com carências em serviços públicos essenciais, como saúde, educação, habitação e segurança pública. Temos muito a caminhar no desenvolvimento das nossas potencialidades econômicas de forma sustentável. O Estado apresenta-se ineficiente diante dos seus inúmeros desafios. Pleitos por maior respeito e igualdade de condições em matéria de raça, gênero e orientação sexual ainda estão longe de ser atendidos com a devida plenitude.

Nos próximos dias, em meio a estes desafios, teremos o início da campanha eleitoral para a renovação dos mandatos dos legislativos e executivos estaduais e federais. Neste momento, deveríamos ter o ápice da democracia com a disputa entre os vários projetos políticos visando a convencer o eleitorado da melhor proposta para os rumos do país nos próximos anos.

Ao invés de uma festa cívica, estamos passando por momento de imenso perigo para a normalidade democrática, risco às instituições da República e insinuações de desacato ao resultado das eleições.

Ataques infundados e desacompanhados de provas questionam a lisura do processo eleitoral e o estado democrático de direito tão duramente conquistado pela sociedade brasileira. São intoleráveis as ameaças aos demais poderes e setores da sociedade civil e a incitação à violência e à ruptura da ordem constitucional.

Assistimos recentemente a desvarios autoritários que puseram em risco a secular democracia norte-americana. Lá as tentativas de desestabilizar a democracia e a confiança do povo na lisura das eleições não tiveram êxito. Aqui, também não terão.

Nossa consciência cívica é muito maior do que imaginam os adversários da democracia. Sabemos deixar de lado divergências menores em prol de algo muito maior, a defesa da ordem democrática.

Imbuídos do espírito cívico que lastreou a Carta aos Brasileiros de 1977 e reunidos no mesmo território livre do Largo de São Francisco, independentemente da preferência eleitoral ou partidária de cada um, clamamos as brasileiras e brasileiros a ficarem alertas na defesa da democracia e do respeito ao resultado das eleições.

No Brasil atual não há mais espaço para retrocessos autoritários. Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições.

Em vigília cívica contra as tentativas de rupturas, bradamos de forma uníssona:

Estado Democrático de Direito Sempre!!!!

Faça parte dessa história. Assine a Carta.
<http://www.estadodedireitosempre.com>



Cozinha da Tia Neli

Batatinhas Calabresas

Ingredientes

1 kg de batatinha
1 colher de café de pimenta calabresa

1 cebola grande picada
1 cabeça de alho
1 copo de azeite ou óleo
1 copo de vinagre branco
1 maço de salsinha
½ pimentão vermelho grande
4 folhas de louro
1 colher de sopa de orégano
1 pacotinho de Tempero (Caldo em Pó)
Sal a gosto

Preparo

– Escolher as batatinhas uma a uma, com cuidado redobrado em relação aos bichos e buracos. Lembre-se que as batatas são postas inteiras no pote;
– Lavar uma por uma com escovinha de lavar roupa;



– Secar;
– Colocar na panela o azeite (ou óleo), fritar a cebola. Quando estiverem douradas, colocar o alho para fritar até dourar. Colocar a salsinha e o restante dos ingredientes;
– Coloque água até cobrir as batatinhas;
– Cozinhar por 20 minutos e depois ir espetando o garfo até que ele entre;
– Deixar em conserva na geladeira, por dois dias antes de consumir.



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Não erre mais estes verbos

Olá, queridos leitores, tudo bem? Nesta edição vou mostrar a diferença entre os verbos “vir” e “ver” conjugados no futuro do subjuntivo. Eles costumam causar muitas dúvidas ao utilizá-los tanto na escrita quanto na fala. Portanto, siga a leitura e não confunda mais esses dois usos. Fiquem ligados, pois **haverá dica bônus!**

O verbo “ver” possui o sentido de enxergar, olhar e por essa razão deve ser conjugado da seguinte forma:

Quando você **vir** Maria, avise-me.

Já o verbo “vir” possui o sentido de chegar, surgir e por essa razão deve ser conjugado da seguinte forma:

Quando você **vier**, ficarei feliz.

Soou estranho? Pode até ser que sim, mas no nosso Português, nem tudo que soa estranho é incorreto! Aliás, vamos à

dica bônus: soar significa emitir som, por isso escrevi na oração anterior as palavras “soou” e “soa” com a letra “o”. Soar significa transpirar e é escrita com a letra “u”, beleza?

A partir de agora, vocês já sabem como não se equivocarem mais!

Curtiram as dicas? Haverá mais na próxima edição! Acesse as minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e de Redação: @professora_julianabernardo (Instagram). Profa. Juliana Bernardo (Facebook).

Espero que vocês tenham gostado e sigam-me nas minhas redes sociais: Instagram: @professora_julianabernardo e Facebook: Profa. Juliana Bernardo Português.

CDD: Beleza Deltas



Regina Prado
Jornalista e militante social

Wanderléa de Araújo Silva, 52 anos, moradora da Cidade de Deus, caçula de quatro irmãos, teve uma infância tranquila, e tornou-se uma jovem decidida a conquistar sua independência financeira.

Ela não sabia qual era a sua vocação profissional, até que, por incentivo de uma amiga, resolveu fazer um curso de designer de sobancelha no Senac, o que foi suficiente para descobrir seu dom, até então adormecido. O segundo passo, foi a formação como auxiliar de cabeleireiro.

Dona de uma ousadia, intrepidez e espírito de luta inquestionáveis, a partir disso, montou seu próprio negócio na varanda de sua casa, onde trabalhou durante três meses apenas. Em seguida, alugou um salão, passou por algumas locações de cadeiras, até que decidiu alugar um espaço melhor, onde encontrasse até hoje.

A cada dia investe mais e mais no seu salão de beleza, e seu empenho tem garantido uma clientela considerável. Segundo ela, sua escolha ajuda a elevar a autoestima de muitas mulheres,

Em meio a essa correria e dedicação ao trabalho, Silva ainda encontra tempo para exercer sua responsabilidade social, passando seu conhecimento de forma



Penteado lindo é com Wanderléa

voluntária para quem necessita apenas de oportunidade e incentivo, como ela recebeu, anos atrás por intermédio de uma grande amiga e do marido, seu eterno cúmplice.

Vale ressaltar que Wanderléa de Araújo Silva “entrou dez vezes na fila da simpatia”, portanto, só resta para ela sucesso em suas superações hoje e sempre, provando assim que a oposição pode até colocar uma vírgula, mas o ponto final vem de Deus e da nossa colaboração com ele, exercendo nossa atitude.



Wanderléa é empreendedora da CDD e de muita luta

EXPEDIENTE

JORNAL **ABAIXO ASSINADO** JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC)

e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64

Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaaajr.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Letícia Ribeiro, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Letícia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Pais e alunos em mobilização contra o Novo Ensino Médio no Ciep Ulysses Guimarães

**Texto e fotos de Pedro Malatesta*

Inconformados com a exclusão de disciplinas em andamento com a institucionalização do Novo Ensino Médio em escolas da rede estadual de ensino, alunos e pais do Ciep 321 Ulysses Guimarães, em Curicica, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, iniciaram um processo de mobilização para evitar a precarização da formação escolar.

Reunidos no dia 10 de agosto para conhecer melhor a proposta da Secretaria Estadual de Ensino e discutir estratégias de



mobilização para se contrapor à proposta em implementação, alunos e pais afirmaram estar em curso um “plano para os alunos da escola pública irem para a universidade privada”. Assim, o ensino público, gratuito e de qualidade existente nas universidades públicas ficaria cada vez mais restrito aos estudantes egressos das escolas de ensino médio privadas e cada vez mais distante dos estudantes egressos de escolas públicas.

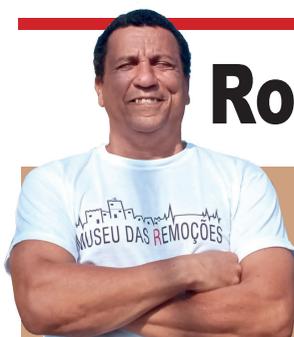
Um das deliberações



realizadas pelos presentes foi a coleta de assinaturas para dois abaixo-assinados, um destinado aos alunos e outro destinado aos pais. Um grupo de estudantes assumiu o compromisso

de conversar com alunos dos turnos da manhã e tarde, além de realizar visitações às outras escolas da região.

**Militante do Movimento Popular de Jacarepaguá*



Luiz Claudio Silva
Cofundador do Museu das Remoções

Rock In Rio traz transtorno aos moradores da Barra

O Rock in Rio é realizado no parque olímpico, onde estão as arenas das Olimpíadas 2016 praticamente abandonadas. Durante o evento, todo o parque fica fechado por meses, sem que os moradores possam usufruir do espaço para o lazer cotidiano, ou seja, uma área pública passa a ser área privada, e eles não podem intervir.

Outro problema causado pela festividade é o fato de que as pessoas que residem no entorno como as do Condomínio Rio 2, Cidade Jardim, Vilas da Barra, comunidade Vila Autódromo, e as centenas que moram nas ruas Embaixador Abelardo Bueno, Pedro Correia, entre outras, precisam, obrigatoriamente de uma credencial para entrarem de carro em suas próprias residências, em virtude do fechamento de acessos próximos ao evento.

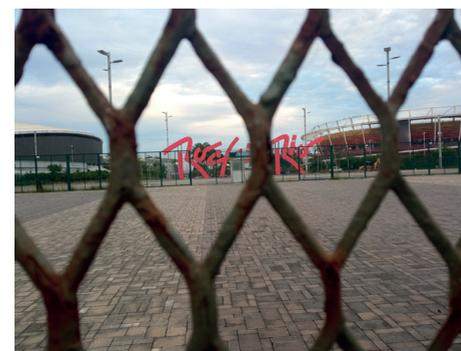
Alguns transportes públicos são desviados pelas autoridades locais, e para os moradores que não têm carro, essa si-



Roletas do Rock In Rio de 2011 na Av. Embaixador Abelardo Bueno

tução é um transtorno ainda maior, pois muitos precisam se deslocar mais de 2 km para que consigam utilizá-los. Isso sem contar os indivíduos que não têm muito recursos, com familiares doentes em casa, e que, em uma emergência, precisará de um transporte público para socorrer seu ente querido.

É preciso que a Prefeitura se sensibilize com a situação dos que moram na região ao apoiar esse megaevento que ocorre ao longo de vários dias no centro de uma área urbana hiperpovoada. Os moradores, nesse período, têm que reorganizar suas rotinas. Não podem, por exemplo, receber



Parque Olímpico fechado



Roletas do Rock In Rio de 2011 na Av. Embaixador Abelardo Bueno

visitas, pois elas estão impedidas de entrar de carro, nem receber alguns serviços de entregas, entre outras alterações no seu



cotidiano. pela restrição dos veículos públicos nas proximidades se o morador precisar sair terá que pagar o preço alto que os poucos carros cadastrados cobrarem ou andar a pé até onde os veículos estão circulando normalmente.

Novidade: junto a credencial vem também um tag gerenciado por um grande banco do país para os carros passarem nas cancelas que serão instaladas em pontos a ser fechados no entorno do evento, ou seja são os grandes do capitalismo unidos e a vida do morador no entorno fica para segundo plano.



Pablo das Oliveiras

Cada dia que passa acordo mais cedo para sair de casa e não chegar atrasado ao trabalho. Entro num ônibus cheio, vindo da Taquara. Nos pontos adiante sobem mais passageiros e, quando não cabe mais ninguém, o ônibus para e sobe mais gente. Viajar sentado é um lance de sorte, e quando essa loteria me favorece, sigo relaxado e cochilando pela Serra Grajaú-Jacarepaguá até o Maracanã... Ainda lembro o que sonhei: *eu sentado com minha avó materna indígena à sombra das taquaras, ao lado do rio Grande, onde as mulheres enchem as cuias de água para abastecer nossa Takûarusutyba:¹ meus irmãos mais velhos, há dias, estavam a caminho da aldeia Jabebiracica,² em visita aos parentes tupinambá.*

1 TAKÛARUSUTYBA: Aldeia do grande ajuntamento ou sítio dos Takûarusus; ou, em português, o Taquaraçuza. Aldeia tupinambá.
2 JABEBIRACICA: Aldeia Maracanã. Uma das mais importantes tabas tupinambás da Guanabara, localizada na região do atual bairro Maracanã.



foto: Percorso da Cultura

Aldeia Maracanã em luta

Aquilo que fazemos e não fazemos, aonde vamos, nos enreda como sonhadores. Sonhar é uma insegurança numa situação de segurança; envolve memórias e esquecimentos. Também a cidade guarda e descarta riquezas de nossa história pessoal e social. Assim é a presença das culturas e das pessoas indígenas em Jacarepaguá e pelo

Brasil afora. No Rio de Janeiro, andamos por caminhos abertos e trilhados por indígenas, grande parte, os tupinambá, falantes do tupi-guarani, que deram nomes aos lugares, onde vivemos ou visitamos: *Taquara, Curicica, Camorim, Itanhangá, Tijuca. Maracanã, Catete, Andaraí, Irajá, Ipanema. Inhoaíba, Guaratiba, Sepetiba, Catumbi*, e a lista não para aí... Bem no meio do coração da cidade, a Aldeia Maracanã ReXiste para se construir como Universidade Indígena Pluriétnica.

Na condição de passageiro, também posso olhar o mundo na perspectiva da civilização indígena, que se ergue no convívio com a floresta, sendo por ela alimentada e, por seus sentidos, poder constituir outro sentido humano de estar no mundo. Reconhecer os territórios e dialogar com suas memórias, suas histórias, trocar e construir saberes e conhecimentos... Os indígenas, sem contato com não indígenas, nas aldeias florestais e em contexto urbano, os povos originários encontram-se confrontados desde a presença de os colonizadores e seu implacável projeto civilizatório ocidental.

Maravilhoso ter a participação na equipe do Jornal Abaixo-Assinado de um jovem politizado e engajado nas lutas sociais: **Michael Martinez**, 26 anos, mestre em Ciência Política, advogado e morador de Jacarepaguá.

Michael Martinez contribuirá com artigos sobre política, numa linguagem objetiva, para melhor informar nossos leitores. Seja bem-vindo ao Jornal Abaixo-Assinado, Michael!



*Por Michael Martinez

Já faz algum tempo que a palavra ideologia vem sendo dita e repetida aqui pelo Brasil, muito por conta do cenário político conturbado dos últimos anos.

Mas o que ela significa?

Vamos começar por sua etimologia, ou seja, sua origem. Ideologia é formada por duas palavras gregas, *ideo* e *logia*, o que seria algo como “ciência das ideias”.

Não é tarefa fácil conceituar ideologia, já que seu significado varia de acordo com o campo de estudo. Assim, a Filosofia, a

Sociologia e a Ciência Política, por exemplo, trazem diferentes abordagens sobre o que seria ideologia.

Mas aqui trataremos a partir do seu aspecto político, ou seja, as ideologias políticas.

De uma maneira geral, podemos dizer que as ideologias políticas apresentam uma visão de mundo, das relações sociais e da política e quais seriam os meios para transformar essas ideias e princípios em realidade.

Por exemplo: para os anarquistas, numa sociedade ideal não deveria haver um Estado com poderes sobre os

O que é ideologia?

indivíduos, mas sim um tipo de organização social feita pelas próprias pessoas.

Os estudiosos sobre o tema veem as ideologias políticas de formas diversas. Para o sociólogo alemão Karl Mannheim elas representariam as ideias do grupo social dominante enquanto para Karl Marx as ideologias serviriam para iludir os explorados acerca de sua própria exploração, mantendo-os nessa condição.

Para alguns pensadores conservadores, no entanto, são nada mais que abstrações elaboradas sem ligação com a realidade.

Seja como for, as ideologias políticas apontam como a sociedade deveria ser e qual o caminho a ser percorrido para se chegar a esse objetivo.

E quais são as ideologias políticas, afinal?



Muitas já ouvimos falar por aí: Liberalismo, Socialismo, Comunismo, Anarquismo, Fascismo e Nazismo. Não há consenso se outros conjuntos de ideias como o Feminismo e o Ecologismo são, de fato, ideologias, já que não

apresentariam propriamente uma visão de mundo, mas sim assuntos específicos.

Discute-se hoje se vivemos num mundo pós-ideológico, já que as ideologias que propunham mudanças profundas e estruturais na sociedade e na economia não parecem fazer forte resistência contra as democracias liberais, isto é, o modelo político e econômico adotado pela maioria das democracias ocidentais.

Seja como for, a questão sobre as ideologias políticas segue atual e as ideologias propriamente ditas continuam a moldar os discursos, os programas dos partidos políticos, os modelos econômicos, a produção científica e, como temos vivenciado aqui

no Brasil, as calorosas discussões sobre política com nossos amigos, familiares e anônimos pelas redes sociais.

*Mestre em Ciência Política e advogado
<contatomartinezvargas@gmail.com>





Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá Leonardo Soares, professor de História (UFF) e membro do IHBAJA

“Barra da Tijuca sem História antes dos anos 80” Fato histórico ou discurso político?

O livro de Ayrton Luiz Gonçalves sobre a história de Barra da Tijuca, lançado em 1999, contém muitas informações importantes, dados e personagens históricos da região são mencionados, fatos relevantes são mencionados, alguns deles detalhadamente esmiuçados, como o da evolução fundiária do território nos três séculos após o início da colonização portuguesa.

Mas como todo livro de cunho memorialístico, o autor incorre em vícios retóricos (como frases de efeito) e incorreções históricas, o que se deve em boa parte dos casos ao método pouco criterioso em que são exploradas as fontes bibliográficas. Um exemplo é a versão por ele reiterada de que a região da Barra se tratava na primeira metade do século XX de uma área quase inóspita. Na página 7 de seu estudo, Gonçalves se derrama ao citar um trecho escrito por Ricardo Palma sobre o clássico de Armando Magalhães intitulado “O Sertão Carioca”. Livro lançado nos anos 30 e que tem como tema a então zona rural da cidade do Rio de Janeiro, dando destaque especial à região da Baixada de Jacarepaguá (incluindo-se aqui a Barra da Tijuca). Palma trata Magalhães como um verdadeiro desbravador, uma espécie de “sertanista” (“Sim, senhores, o Rio tem seu sertão. E que sertão maravilhoso, a cujas verdes portas se pôde bater de automóvel, em escassas horas, por optimas estradas!”). Magalhães teria desvendado um mundo selvagem: “Quantos cariocas saberão, por ventura, que, a três ou quatro horas do centro urbano, ainda se encontram onças,

entre ellas a suçuarana e a jaguatirica, e capivaras, e estranhos símios, entre os quae o guariba, que há muitos anos, Emilio Goeldi já dava como raridade nas serras de Therezopolis? Nos últimos tempos da monarchia, ainda se caçava o queixada em Jacarepaguá; a paca abundava na Tijuca; o ererê e os patos em Manguinhos” (p. 6).

De todos os elogios de Palma a Magalhães, o que mais é apreciado por Ayrton Gonçalves é o fato do livro dar a conhecer “de que atrás da Pedra da Gávea, do maciço da Tijuca, existia um outro mundo até então inóspito e inculto, onde o homem convivía com a natureza da maneira mais íntima, dela tirando seu sustento, como os tamanqueiros, os carvoeiros, as esteiras, os oleiros, os bananeiros, os cesteiros etc” (p. 7).

Não é que a Baixada de Jacarepaguá fosse um vazio. Mas era apenas “inóspito e inculto”. E acrescenta o autor: “Um mundo que, contemporâneo, ignorava os modismos da belle époque. Da eletricidade não sentia falta porque não a conhecia, pois usava o lampião a querosene. O mundo do Jeca Tatu tão bem descrito por Monteiro Lobato. Isto há sessenta anos” (p. 7).

Contudo, a descrição oferecida pelo autor a respeito de uma visita do próprio a Barra da Tijuca parece denotar a ideia de vazio: “Eu mesmo, em 1948, terminado o curso do CPOR, fui à Barra da Tijuca com outros colegas de turma, um dos quais tinha automóvel; mal conseguimos chegar às areias da praia que, batidas pelo vento forte da tarde, faziam e desfaziam pequenas dunas. Gente, ninguém. Era um dia de semana” (p. 8).

A principal consequência de tal perspectiva é o fortalecimento da visão de que a história de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca passou por período de franca decadência após o fim da exploração de grandes unidades agrícolas com base na exploração de mão de obra escravizada. Teríamos então um intervalo entre o último quartel do século XIX e as primeiras obras do DNOS na região nos anos 30, que demarcariam esse tempo de abandono e desolação.

Mas não seria esse um discurso construído por memorialistas e apoiadores do modelo de implantação do mercado imobiliário na região (em especial a partir da ditadura militar implantada em 1964) para legitimar a conquista do território por parte desses



Antiga fazenda no local onde é hoje a Vila Pan-Americana.

Fonte: Biblioteca de imagens do IBGE.

Acesso em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo>

mesmos agentes econômicos poderosos? A ideia de vazio não busca ela mesma esvaziar de qualquer conteúdo o período de ocupação efetuado por setores das classes populares no território naquele mesmo período?

É como se para Ayrton Gonçalves a expansão imobiliária de grandes grupos na área a despertasse de um longo sono. Suas palavras são inequívocas a esse respeito: “As condições geográficas adversas da região e as dificuldades causadas pela falta de infra-estrutura fizeram com que, até o final dos anos 50, a Barra da Tijuca, mais que o restante da Baixada de Jacarepaguá, hibernasse quase desconhecida e só, a partir da década seguinte, sobretudo nos anos 70, com a construção de vias adequadas de penetração, da implantação dos primeiros grandes empreendimentos imobiliários e do desenvolvimento das atividades comerciais, das quais o carro-chefe foi o Carrefour [...]” (p. 14).

Cabe à pesquisa histórica crítica e meticulosa demonstrar o quão frágil é esse postulado. A Barra da Tijuca e a Baixada de Jacarepaguá como um todo foi e é um território de histórias diversas. Todas vivas, plenas, vividas não sem contradições, mas potentes. É preciso, portanto, lançar luz sobre a inserção de outros grupos sociais no território, principalmente os segmentos das classes populares como pescadores, pequenos lavradores, vendeiros, criadores de gado etc.



Família de moradores da Favela da Restinga. Pessoas que sumiram dos registros históricos de memorialistas da Barra da Tijuca a partir dos anos 90.

Fonte: Fundo do Correio da Manhã/Arquivo Nacional.

Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá (IHBAJA)

O Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá (IHBAJA), parceiro do *Jornal JAbaixo-Assinado*, é uma instituição sem fins lucrativos, fundada em 2007, com o intuito de contribuir em ações para salvaguardar o Patrimônio Cultural da Baixada de Jacarepaguá.

Missão

Essa região possui um dos maiores acervos arquitetônicos do Rio de Janeiro colonial e riquíssimas heranças culturais sambaqueiras, africanas e indígenas. Tudo isso, infelizmente, pouco conhecido pelos moradores da região e da cidade do Rio de Janeiro como um todo.

A nossa missão é contribuir para a preservação de toda esta riqueza material e imaterial, realizando



atividades pedagógicas e pesquisas que sirvam para divulgá-la.

Gostaríamos também de solicitar à população para

nos ajudar a formar o nosso Centro de Memória e construirmos o nosso acervo bibliográfico e iconográfico (imagens e objetos de valor histórico em geral). Quem tiver alguma fotografia antiga, algum objeto, algum trabalho de arte, documento ou livro que retrate a História e a Memória desse recorte espacial, pode entrar em contato conosco pelas redes sociais abaixo.

Redes sociais

- E-mail: ihbaja@gmail.com;
- Blog: <http://ihbaja.blogspot.com.br/>
- Facebook: <http://pt-br.facebook.com/ihbaja/>
- Instagram: <http://www.instagram.com/ihbaja/>



Marta Botelho: uma artista sensível e criativa

Cíntia Travassos
Produtora

Marta Botelho nasceu no Flamengo e, com 6 anos de idade, se mudou para a Taquara, Jacarepaguá, onde teve uma infância muito feliz. Gosta do mar, viajar, ler um bom livro, de dançar, de cores, de Frida Kahlo, de afetos, dos velhos e bons amigos e de fazer novos também. Marta é mãe solo de um filho, criado com muita educação e carinho. Ela diz com toda a propriedade: “Sou cria de Jacarepaguá com muito orgulho, amo o meu bairro.”

O seu interesse pela arte surgiu quando fechou seu salão de beleza que administrava há nove anos, para se dedicar mais tempo a seu filho, e sua família começou a produzir peças para decoração de sua casa. Quando suas amigas e clientes souberam, começaram a fazer encomendas e, a partir daí, não parou mais, e criou a @marthinha.arteira.

Quando o mundo parou por causa da pandemia da Covid-19, foi desesperador, milhares de mortes, perda de pessoas queridas, um governo negacionista, ter que cuidar dos seus pais idosos, foi assustador. Então, Marta Botelho começou a produzir máscaras de tecido, e distribuiu uma boa parte da produção para as pessoas em situação de rua, o que foi muito gratificante.

Suas peças são confeccionadas com madeira de de-



Marta Botelho com uma peça inspirada em Frida Kahlo

molição, e ela utiliza também reciclagem de vidros, latas, CDs, pintura a mão, patchwork, ecobag, driftwood, eco-designer, inspiração em Frida Kahlo, relicários, trabalhos em MDF e pintura orgânica.

Marta Botelho participou por cinco anos da FES (Feira de Empreendedores Sustentáveis), na praça da rua Alberto Soares Sampaio. Hoje faz parte do time das artesãs na @casadeculturajpa, administrada pela empresária e empreendedora @alexandragonzaes, que acreditou e incentivou muito a sua arte, por quem tem muita amizade e gra-



Exposição das peças da artesã Marta Botelho na Casa de Cultura de Jacarépaguá

tidão, e compartilha o espaço com suas amigas artesãs, @teca_ceramista, @pimenta.a.mesa, mozzer.macrame, @studio.id.artes.

É muito significativo para nós do Jornal Abaixo-Assinado ter a participação em nossa equipe do Douglas Teixeira, jovem dinâmico, criativo, 22 anos, estudante de Jornalismo e morador da Taquara.

Douglas Teixeira vai trazer para nossas páginas o rico universo dos esportes, ligados a educação e ao social, na Baixada de Jacarepaguá.

Seja bem-vindo ao Jornal Abaixo-Assinado, Douglas!

Projeto social ensina arte marcial a crianças e jovens

Desenvolvido pelo lutador de MMA, Mateus Brauns, o ‘Magriça’, o projeto, que conta com aulas de Muay Thai, atende dezenas de alunos com idades entre 7 e 28 anos.

*Por Douglas Teixeira

Aos 28 anos, o lutador Mateus Brauns, ou “Magriça”, como é conhecido, orgulha-se de sua trajetória no esporte. Ainda assim, o campeão carioca de Muay Thai, título conquistado em 2014, nunca esqueceu de suas origens, no bairro Campo Grande, Rio de Janeiro, onde deu seus primeiros passos nas práticas esportivas aos 15 anos de idade, na garagem de um professor. Entretanto, Brauns sempre pensou em iniciar um projeto social, para tirar crianças e jovens das ruas por meio do esporte, desejo que cresceu ainda mais em 2016, quando começou a dar aula na academia onde também treina muay thai, boxe, wrestling e jiu-jítsu.

Depois disso, conquistou mais um importante objetivo em sua carreira, disputando sua primeira luta internacional, no evento Gorilas FC, no Cazaquistão, no final de 2019, mas nunca abandonou a ideia de montar um projeto para atender a “garotada” carente. Demorou um pouco, mas em junho deste ano ele conseguiu colocar seu propósito em prática, com o apoio da Igreja Batista da Fé, localizada na estrada do Guerengue, que cedeu o espaço necessário para que ele iniciasse suas aulas gratuitas de muay thai todas as terças e quintas-feiras, às 15 horas.

Apesar de ter começado há apenas dois meses, a

iniciativa de Mateus Brauns já atende dezenas de alunos, com idades entre 7 e 28 anos, com um único objetivo: afastá-los dos perigos que cercam as ruas por meio do esporte.

*Estudante de Jornalismo - 6º período na Universidade Estácio de Sá



Lutador Magriça comemorando



Grupo dos integrantes do projeto de muay thai

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura e Grupo Teatral Aslucianas apresentam:

Contarolando Histórias

O RITMO DO AMOR

A apaixonante história de Libertário e Corcelina que vivem em pé de guerra, mas no fundo só querem entender o que é o amor.

Apresentações
14/08 - 17h IAPI da Penha
21/08 - 17h Praça Panamericana

CONTAROLANDO HISTÓRIAS TELEVISÃO

Três viajantes em busca das mais fantásticas histórias do mundo.

Apresentação
11/09 - 17h Praça do Viséu

MUNDI CONTOS DO MUNDO

Mundi - Contos do Mundo é uma viagem aos contos dos 5 continentes.

Apresentação
25/09 - 17h IAPI da Penha

Em caso de chuva, confira alterações em nossas redes sociais.

Contatos: @CULTURA RIO, @gtaslucianas, www.aslucianas.com.br, Grupo Teatral Aslucianas (21) 98767-4752

TEATRO DE RUA NA ZONA NORTE

APÓIO: PARQUE SHANGHAI, REALIZAÇÃO: FOCO, RIO PREFEITURA CULTURA, Simeão, Rádio-Áudio, Rádio 95.7 FM, 107.50 MHz

JAAJ
Fale Conosco!
(21) 97143-4821

Os 200 anos do Hino Nacional Brasileiro e a sua relação com Jacarepaguá



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa - Texto

Segundo a Constituição Federal, os quatro símbolos oficiais do Brasil são: a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, as Armas Nacionais (Brasão Nacional) e o Selo Nacional.

A música do nosso hino foi feita em 1822, por Francisco Manuel da Silva (1785-1865). Ele compôs essa melodia em um armário localizado no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Francisco nasceu em um sítio na então Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antônio de Jacarepaguá. Em 1809, ingressou como soprano no coro da Capela Real. No ano de 1816, passou a estudar com o compositor e pianista austríaco Sigismund von Neukomm. Em 1841, assumiu o cargo de mestre geral da Capela Imperial. Fundou também a Sociedade Beneficente Musical. Em 1857, foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a Imperial Ordem da Rosa.

Em 1831, a melodia do nosso hino ficou muito popular com uma letra que comemorava a abdicação ao trono do Imperador D. Pedro I em favor de seu filho, D. Pedro II. Ela tinha sido escrita pelo poeta e magistrado piauiense Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva. Apesar de nunca ter sido sancionada como a música oficial do Governo Imperial, a melodia composta por Francisco ficou muito identificada com a monarquia.

Após a Proclamação da República (1889), o Governo Provisório de Deodoro da Fonseca convidou Antônio Carlos Gomes para elaborar o novo hino pátrio. Com a recusa do compositor, ficou decidido que seria organizado um concurso para a escolha da nova canção. Foram 29 concorrentes

e 4 finalistas. Em 20 de janeiro de 1890, no antigo Theatro Lyrico, a música de Leopoldo Américo Miguez foi escolhida como a campeã. Após a execução da canção vitoriosa, o público presente ao evento pediu para tocar o hino de Francisco Manuel da Silva. Percebendo a popularidade da melodia, o Marechal Deodoro da Fonseca baixou o Decreto nº 171, que determinava:

“O Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação, decreta:

Art. 1º - É conservada como Hino Nacional a composição musical do maestro Francisco Manuel da Silva.

Art. 2º - É adotada sob o título de Hino da Proclamação da República a composição do maestro Leopoldo Miguez, baseada na poesia do cidadão José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros Albuquerque.”

O hino pátrio ficou sem letra até 1909, quando o governo instituiu um novo concurso “para escolha de uma composição poética a se adaptar com todo o rigor à melodia do Hino Nacional”. O vencedor foi o poeta fluminense Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1927). Apesar da vitória, essa composição só foi declarada oficialmente a letra do “Hino Nacional Brasileiro” em 1922, através do Decreto nº 15.671.

Waldemar Costa, saudoso jornalista e pesquisador sobre a História da Baixada de Jacarepaguá, mencionou em seu livro “Imagens de Jacarepaguá” que Francisco Manuel da Silva se inspirou no canto de um pássaro existente em seu sítio em Jacarepaguá para compor a melodia do Hino Nacional.



Francisco Manuel da Silva - Acervo Divisão de Música da FBN

Descubra, produza e compartilhe histórias e memórias das favelas e periferias no Dicionário de Favelas Marielle Franco

Uma plataforma virtual de acesso aberto para a coleção e produção de conhecimentos sobre favelas e periferias. O projeto se propõe a combater preconceitos e mostrar a diversidade de saberes, vivências, memórias, identidades, culturas e experiências que marca as favelas cariocas.

“Buscamos estimular a coleta e construção coletiva do conhecimento existente sobre as favelas e periferias de todo o Brasil, por meio da articulação de uma rede de parceiros, tanto nas academias quanto nas instituições produtoras de conhecimentos existentes nos próprios territórios”.

Faça parte você também! O *Jornal Abaixo-Assinado* contribuiu e vem contribuindo com a inserção de verbetes.

<https://wikifavelas.com.br/>



APRESENTA A SÉRIE: **Histórias de Jacarepaguá**

Urbanização e sociabilidades urbanas na Baixada de Jacarepaguá do século XX e XXI

com o Professor Renato de Souza Dória



IHBAJA

Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

EU ONDE MORO

YouTube

ondemoro.com.br/jacarepagua